

O “SABER-FAZER” RENDAS DE BILROS:

AS RESSIGNIFICAÇÕES DO PROCESSO NA LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS

Elis Regina Barbosa Angelo

Doutora em História pela PUCSP. Graduada em Turismo pela PUCCAMP (1997), Mestre em Turismo Ambiental e Cultural Planejamento e Gestão pelo UNIBERO (2003) Mestre em História pela PUCSP (2005). Professora Adjunta nos cursos de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

**O “SABER-FAZER” RENDAS DE BILROS:
AS RESSIGNIFICAÇÕES DO PROCESSO NA LAGOA DA
CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS****THE “MAKING LACES” OF BILROS: THE RESSIGNIFICATION OF
PROCESS IN THE LAGOA DA CONCEIÇÃO IN FLORIANÓPOLIS**

Elis Regina Barbosa Angelo

RESUMO

O presente artigo trata de uma reflexão sobre a tradição de fazer rendas de bilros, considerando suas funções para a comunidade de rendeiras da Lagoa da Conceição em Florianópolis. A discussão sobre como as rendeiras mantiveram a tradição de fazer rendas por gerações, adaptando nova funcionalidade ao produto artesanal, bem como as transformações que ocorreram após o crescimento do turismo no local, são enfatizadas sob a perspectiva sócio-econômica e sócio-cultural desta comunidade. As mudanças e permanências visualizadas na tradição de fazer rendas definem as novas características do produto na atualidade, que deixou de ser de uso doméstico para ser um produto artesanal turístico. As possíveis mudanças nas técnicas, instrumentos e modo de fazer o produto são discutidas sob o olhar das rendeiras da Lagoa, possibilitando assim, uma interação da comunidade com a questão da continuidade do processo, e verificando com isso, as possíveis intervenções que estas mulheres acreditam ser necessárias para garantir a preservação das rendas de bilros enquanto elemento de seu legado cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Rendeiras, Tradição, Legado Cultural, Renda de Bilros, Lagoa da Conceição.

ABSTRACT

This paper attends of a reflection about the tradition of making laces of bilros, considering their function for the lacemarkers community of Lagoa da Conceição in Florianópolis. The discussion is about how the lacemakers kept the tradition of making laces for generations, adapting new functionality to the handcraft product, as well as the transformations that happened in that community after the tourism growth and keeping focus on the social-economic and socio-cultural perspectives of this community. The changes and permanencies visualized in the tradition of making laces define the new features of the product in nowadays, where a domestic handcraft product turned into a touristic handcraft product. The possible changes in technique, instruments and way of making the product are discussed under the lacemaker's point of view, making possible an interaction between the community and the issue of the process continuity where its possible verify the possible interventions that these women believe to be necessary to guarantee the preservation of laces of bilros as an element of their cultural heritage.

KEYWORDS: Lacemarkers, Tradition, Cultural Legacy, Bobbin Lace, Lagoa da Conceição.

1 Legado e expressões açorianas: A formação socioespacial da cultura na Ilha

A expressividade de alguns traços que caracterizam os açorianos e seus descendentes, ao longo dos anos, foi sendo incorporada a uma imagem que hoje faz parte da cultura açoriana¹, construída sob uma trajetória de percalços e divergências, que projetaram distintas visibilidades espacial e temporalmente, das quais as imagens projetadas nem sempre tiveram uma conotação positiva.

Pode-se dizer que, em Florianópolis, algumas foram até desmesuradas, mas integraram o universo praiano e tiveram uma cronologia que também fez parte de universos distintos de ordem social, política e cultural. Uma das questões a esse respeito refere-se à imagem de praiano indolente, que teve repercussão primeiramente com a modernização sanitária da cidade em 1920, com a apresentação de um discurso higienista² que atribuía códigos de conduta para a população e diferenciava de certa forma, o homem culto e educado do homem rústico e sem educação.

Concomitantemente, tinha-se o papel da Igreja, que contrariava algumas condutas dos praticantes de uma cultura popular religiosa. A idéia era agir contra as resistências, o que era percebido principalmente nos discursos eclesiais que tentavam impor o processo de romanização da Igreja e distanciar a população das tradições luso-brasileiras.

Algumas expressões pejorativas, como *Manezinho da Ilha*, eram utilizadas por outros moradores da Ilha, em especial italianos e alemães, que demonstravam posições sectárias em relação à pessoa rústica, que tem um jeito de falar e de se vestir diferente, e é pouco adequada aos hábitos citadinos. Isso fez com que os habitantes do local se sentissem aviltados do seu modo de ser açoriano. Surgiram, então, algumas iniciativas, como é o caso da fundamentação das entidades que buscam ressaltar a cultura açoriana e os traços dos seus descendentes.

Dessa forma, houve, em meados do século XX, uma nova preocupação com o discurso culturalístico, cuja intenção era diferenciar a cultura açoriana da cultura alemã, que

¹ “A expressão cultura açoriana indica hoje um modo de designação, corrente na opinião pública de Santa Catarina, para tudo o que se refere à identidade, às tradições, memória oral e escrita, herança cultural, ao estilo de ser, as festas e manifestações folclóricas das populações descendentes de açorianos que habitam as regiões litorâneas do Estado.” MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993. p. 84.

² O discurso higienista abordava códigos de conduta para a população desde aspectos de higiene pessoal até condutas sociais de como andar, falar, posicionar-se e apresentar-se publicamente. GERBER, Diana. O saneamento em Florianópolis: projeto de modernização e estratégias de poder. *Revista Esboços*. Vol.6. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC: UFSC, 1998.

parecia fortalecer-se na região. Essa preocupação gerou uma visibilidade capaz de reconstituir as raízes açorianas, como é o caso dos traços do homem açoriano, “No leque das características do homem açoriano, dentre insularidade, perseverança, dedicação, afabilidade, saudade, nostalgia, atavismo, esperança, introspecção, tradicionalismo, contemplação, temperança, musicalidade e religiosidade.” (PEREIRA, 2003. p.41)

Surgiram, nesse contexto, variadas maneiras de ressaltar as identidades dos açorianos, para mudar uma caracterização efetivada em diversos momentos e sob perspectivas que, certamente, não buscavam enaltecer seus traços, mas, de certa forma, aviltá-los. Tais iniciativas fizeram surgir o culto à cultura açoriana, que hoje pode ser verificado em Florianópolis e particularmente nos discursos dos descendentes dos Açores.

Com o crescimento urbano e turístico e a balnearização das praias, houve, a partir da década de 70, a necessidade de evidenciar as tradições, os traços e os demais elementos da cultura açoriana, com uma nova preocupação: a de preservá-la. Sobre essas trajetórias da imagem criada com o intuito de evidenciar a cultura açoriana, indiferentemente dos interesses pelos quais os diversos processos eram apresentados, tem-se um emaranhado de elementos que configuram atualmente as tradições açorianas.³

Concorda-se que toda tradição é uma invenção coletiva que, de certo modo, tem o intuito de manter um elo com o passado, caracterizando grupos e comunidades e os diferenciando de outros com os quais existe contato. No entanto, as tradições reconhecidas hoje em Florianópolis e em maior abrangência no Estado de Santa Catarina, se perpetuaram até a atualidade sem necessariamente possuir vínculos com os interesses políticos da região.

Acredita-se que, após a veiculação de uma imagem turística que chegou para transformar a economia local, se intensificou a necessidade de manter toda e qualquer tradição açoriana, agora com a aplicação de políticas públicas efetivas.

Na atualidade, os traços culturais açorianos, que antes eram identificados por outros grupos étnicos como tradições e modos de vida desconhecidos, são divulgados por

³ Em sua tese de doutorado, Eugenio Pascele Lacerda apresenta o depoimento de um professora açorianista que relata a questão do envergonhamento do descendente de açoriano pelos seus traços, o que também foi um dos motivos da criação do processo de afirmação da identidade açoriana. Dentre algumas posições sobre essa questão, foram criados o NEA- Núcleo de Estudos Açorianos, o Troféu Manezinho da Ilha, entre outras entidades, organizações e instituições que possuem um cunho culturalístico. Ver: LACERDA, Eugenio Pascele. *O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade*. Tese, Doutorado em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2003.

meio de um aglomerado de ícones, que objetivam vender uma cultura tida como diferencial, especialmente devido à contextualização econômica e ao crescimento do turismo no local.

Nessa criação de uma imagem de homem tradicional, de homem do litoral que imageticamente produzira um passado memorável em Santa Catarina, tem-se uma questão de visibilidade dos meios intelectuais catarinenses, pois:

Tratava-se de produzir uma memória como suporte da identidade cultural do homem açoriano e foi este o esforço realizado nas décadas seguintes, num processo que poderíamos chamar de agenciamento tradicionalista da história catarinense e que se diversificou nas missões e descrições dos folcloristas da Comissão Catarinense de Folclore, em textos de história regional dos historiadores documentalistas do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e nas narrativas do romance regionalista dos escritores abrigados na Academia Catarinense de Letras. (LACERDA, 2003. p.91)

Assim, percebe-se um sentido de politização da cultura açoriana, que, ao mesmo tempo, passou a ser vislumbrada como algo rentável, devido à própria configuração econômica que se deu. Havia também, de certa forma, uma tentativa de retomar as raízes açorianas, desenvolvendo uma afinidade com os traços que os caracterizavam, para que fosse assumida a forma de pertencimento e identificação, agora com orgulho.

Outra posição no que se refere aos direcionamentos que simbolizam as identidades regional ou étnica pode ser percebida como uma monopolização do poder de se fazer valer, conforme apontado:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer reconhecer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade do grupo. (BOURDIEU, 2004, p.113.)

Assim, pode-se perceber como as manifestações da cultura açoriana foram sendo construídas e reconstruídas ao longo das gerações, seja por meio da necessidade de se fazer valer em meio a outros grupos étnicos, seja por uma questão de continuidade coletiva. Para gerar repercussão, foi salientada pelos meios de comunicação uma série de elementos que podem ser considerados constituintes das manifestações culturais açorianas, que inclui “O ciclo do divino, farras do boi, boi de mamão, ternos de Natal, Ano Novo, reis, Santo Amaro e

São Sebastião, luto e coberta dalma, teares e roupas rústicas, procissões dos passos, engenhos, pão-por-Deus, pasquim, ratoeria e danças de roda, gastronomia do peixe e sopa de couves, renda de bilros, olaria, entrudo, lendas e mitos, lanchas baleeiras, introdução do figo, cevada, laranja, cana-de-açúcar, uva, couve, trigo e temperos.” (LACERDA, 2003. p.101)

A questão da funcionalidade das tradições implica num reconhecimento dos cenários que compõem a cultura e as identidades. Cria-se, assim, um mosaico de elementos que diferenciam os descendentes de açorianos e que veiculam uma nova imagem, no intuito de delinear questões de pertencimento e de sentimento.



Imagem 1: Rendeiras e Legado Cultural Açoriano – Painel no Aeroporto Internacional de Florianópolis

Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo

As rendas de bilros tradicionais portuguesas constituem a indústria caseira das mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. Em tôdas as povoações de pescadores fabricam-se rendas de onde o aforisma: “onde há rêdes, há rendas”. Essa arte é transmitida de geração em geração, entre as mulheres das classes pobres, embora tenha havido frases em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer rendas de bilros nos conventos. (RAMOS, 1948. p.31)

A renda de bilros é sem dúvida uma das expressões femininas da cultura material que, entre rupturas e continuidades manteve-se viva na Ilha. Esse processo diante do quadro de transformações do mundo do trabalho vem sendo ressignificado tanto no espaço feminino

quanto na função da tradição como um processo de educação, significação e sentido da produção do objeto.

2 O trabalho enquanto representação de mudanças no cotidiano feminino e na confecção da renda de bilros

As atribuições femininas ao longo dos tempos vêm passando por gradativas transformações, especialmente no que se refere à esfera privada, ao cotidiano e suas representações. Os espaços, a lógica e os direcionamentos das profissões e do tempo usado em diversas atividades foi sendo paulatinamente ressignificado na sociedade contemporânea. Sobre essa trajetória pode-se dizer que diversos são os conflitos acerca das questões do trabalho exercido por mulheres em diferentes espaços e nações, nas quais as tradições acabaram sendo desconstruídas pelo processo de significação do tempo, espaço e usos, especialmente do “*savoir-faire*”, das tradições e das rupturas desse processo pelo novo, rápido, moderno e útil da vida cotidiana.

Diante dessa ótica, o trabalho externo foi um dos protagonistas do processo de distanciamento das tradições, pois, a ruptura é necessária frente às novas atribuições e sentidos do processo de saída do espaço doméstico e entrada nos “mundos do trabalho”.

Desde a obtenção do direito ao salário, em meio a lutas e resistências pontuadas de diferentes formas nos empregos em que a mulher podia trabalhar, a atividade feminina fora do espaço doméstico transformou-se de forma lenta e conflitiva, tendo suas conquistas permeadas principalmente por questões econômicas, culturais e religiosas. A inserção nos tipos de atividades desempenhadas pela mulher pretere de conflitos de saber e de poder. (PERROT, 1998).

No Brasil, um país de múltiplas miscigenações, existe uma grande preocupação no que tange aos conflitos das mudanças, permanências e desafios para o trabalho feminino. Em diferentes momentos e de diversas formas, a mulher conquista seu espaço e parte para a ascensão no mundo do trabalho fora do espaço doméstico, que, de todas as formas ainda faz parte de seu cotidiano e, na maioria das vezes, parece ser assumido pela figura feminina, além de ser cristalizado enquanto uma “obrigação feminina”.

Todo modo de vida e de disputa, refletindo sobre diferentes maneiras de construir, significar e modificar os modos de viver e trabalhar, de se apropriar do tempo e dos

espaços, de usá-los, de lutar por eles, ou de se submeter, neste sentido, nas relações entre história e memória, é colocado em perspectiva à memória com relação ao passado – presente, impregnada de significados sociais, políticos e econômicos, culturais e psicológicos. (PERROT, 1998. p.132.)

Essa reflexão permeia o processo de descontinuidade da tradição feminina de tecer renda de bilros, tendo como base as relações de conflito estabelecidas entre as gerações de mulheres que habitam a Lagoa da Conceição em Florianópolis, Santa Catarina.

No intuito de focalizar a descontinuidade desse processo, recorre-se à própria visão das mulheres rendeiras que entendem ser “o fim de uma tradição feminina”. Elas atribuem a isso, a própria ruptura do saber-fazer passado por gerações de açorianas na forma de ensinamento e obrigação - anteriormente instituída pela figura feminina -, que acabou sendo uma forma de descontinuar não apenas os bilros, mas outras atribuições anteriormente tidas enquanto femininas, apesar das novas relações com o turismo que ainda fomenta a arte do bilro na região, como uma nova leitura do processo, mas ainda como um rompimento de padrões do passado.

A questão do espaço onde se constrói as relações tradicionais parece de alguma forma categorizar uma série de mudanças, considerando que, além da ruptura do ensinamento passado de mãe para filha, as relações estabelecidas entre as gerações e entre os vários espaços da Lagoa carregam processos de trocas que de alguma forma também significam mudanças.

Sobre a questão de história oral como metodologia⁴ de pesquisa sobre as trajetórias de vida das rendeiras da Lagoa da Conceição, no que tange especialmente à confecção das rendas de bilros, fica implícita a necessidade da análise do contexto familiar, que define com melhor clareza o papel da continuidade dos membros da comunidade parental, entre permanências e mudanças e em meio a conflitos e “rebeldia” e também aceitação do “aprender-fazer” das rendas por diversas gerações de mulheres. Sobre a história familiar especialmente do recorte escolhido para a pesquisa de campo com estas rendeiras podem-se

⁴ “Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua morte, Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.” THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.21.

identificar algumas indagações que reforcem a questão da continuidade do processo de fazer rendas. Rememorar a história familiar dessas rendeiras é averiguar de certa forma, quais eram as atribuições femininas antes e depois do crescimento urbano e das mudanças atualmente percebidas tanto na estrutura familiar do local quanto global, uma vez que as mudanças repercutidas parecem permear o próprio conceito de mundialização cultural (WARNIER, 2000) e também do processo de globalização⁵.

Nessa perspectiva, a relação cotidiana do trabalho feminino vai sofrendo paulatinamente as mudanças, e, as atribuições femininas, especialmente ligadas ao espaço doméstico, parecem estar inseridas no cotidiano das rendeiras, algo que já não parece ser evidenciado nas novas gerações, ou seja, as filhas da Ilha.

Cozinhar, lavar e consertar as roupas, limpar a casa e confeccionar renda de bilros eram e ainda são até hoje atividades essencialmente femininas com as quais os homens não se envolvem. A confecção de renda de bilro era uma atividade demarcadora de uma “cultura feminina” na comunidade. Apesar de ser realizada por mulheres e de circunscrever ao espaço da casa, a renda comercializada era uma fonte de ganhos para a família e para a mulher.⁶

Algumas atividades eram divididas entre os membros da família, geralmente desenvolvidas na roça, como o plantio de mandioca, feijão, café entre outros produtos. A horta e a criação de animais como galinhas e porcos também faziam parte do universo feminino de atribuições.

Os depoimentos colhidos afirmam esta colocação e repercutem de maneira adversa mediante as filhas. O que se percebe na atualidade é que a mulher além de assumir as atribuições ligadas à manutenção e administração da casa, ainda assumiu um trabalho externo. A busca pela profissionalização já parece fazer parte do universo das novas gerações de mulheres da Lagoa, especialmente das rendeiras que habitam o Centro, a Barra e o Canto.

Entender o movimento das mudanças e permanências nas tradições requer uma análise dos ritos culturais e, sobre essa questão, a importância da tradição deve ter um significado para cada uma das gerações, sob diferentes olhares, mas com o intuito de mantê-la viva. O desinteresse de uma delas pode servir de descomprometimento com os valores

⁵ A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós- Modernidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.64

⁶ Essa construção das atribuições femininas pode ser percebida na obra de Sonia Maluf que registrou diversos momentos das mulheres da Lagoa da Conceição em Florianópolis. MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.p.39.

anteriormente instituídos. A questão de gênero, na qual se verifica o “papal” exercido pela mulher nesta comunidade também foi pontuada, com o intuito de investigá-la enquanto relação de poder e dominação dentro da classe social na qual se insere. Desta colocação pode-se partir da premissa de que:

O estudo das relações de gênero exige a análise da experiência feminina no passado, estabelecendo um fio entre o passado e o presente. Assim, no mínimo o passado serviria como prólogo, uma advertência ao presente, sem necessariamente representar a passagem entre a abertura e a tragédia, mas uma contribuição ao “movimento” e o início.⁷

Outra colocação pertinente à continuidade desta tradição pode ser percebida na sua própria legitimação, ou seja, como essa tradição dentro da comunidade de rendeiras da Lagoa da Conceição na atualidade ainda se mantém independente de como se encontra entre estas mulheres, ressaltando que de alguma forma, ela também foi mantida até o momento em diversas partes do Brasil e do mundo, de diferentes maneiras. Porém, cabe observar a situação em que isto se dá nas várias localidades dentro do espaço proposto. “(...) entender as relações indispensáveis da modernidade com o passado requer examinar as operações de ritualização cultural. Para que as tradições sirvam hoje legitimação para aqueles que as construíram ou se apropriaram delas, é necessário colocá-las em cena.” (CANCLINI, 2000)

Pode-se afirmar que a tradição de tecer renda permaneceu até o momento nestas localidades, e o que se quer perceber são as relações pelas quais foi mantida durante as diversas gerações de mulheres e qual o sentido que as mesmas possuíram em cada geração, verificando principalmente quais foram às transformações oriundas desse movimento, ora de atividade feminina, ora de trabalho domiciliar⁸, ora de trabalho autônomo.

Sobre os conflitos e harmonias visualizados até o momento, foram percebidas questões de mudança na tradição feminina enquanto caracterização do trabalho, do tempo e dos usos. A tradição que era passada de geração em geração deixou de sê-la quando se tornou um ofício propriamente dito. Dos diversos discursos apontados nos depoimentos das rendeiras, elas aprendiam a tecer rendas com suas mães como uma tradição do “saber”

⁷ SILVA, Zélia Maria Pereira. *O Fio Mágico das Rendeiras: A ação política das mulheres na redefinição das relações de gênero*. Tese de Doutorado em Serviço Social. PUCSP, 1992. p.25.

⁸ Trabalho domiciliar deve ser entendido como aquele realizado na habitação do trabalhador, por encomenda da empresa ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de uma tarefa parcial no processo produtivo, ultimo elo da cadeia produtiva, cujo pagamento era feito geralmente por peça. Ver MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

feminino e não necessariamente um ofício que seria transformado no futuro em uma profissão. A mudança da direção desta tarefa parece ser uma das transformações da modernidade, conforme apontado:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (HALL, 2000, p.21)

O que está em jogo na questão das identidades, especialmente sobre a questão da mudança, parecem ser as transformações vislumbradas no processo de globalização, que tangenciam as diferenças atualmente encontradas na estrutura das tradições. Pensando sobre esta tradição feminina, os lugares de produção continuam fixos, a mudança é percebida nas molduras das influências sociais e culturais que circundam a descontinuidade do processo. As novas gerações possuem outra percepção do que devem fazer em relação ao trabalho e à vida cotidiana. A preocupação com a profissionalização e a ascensão sócio-econômica e cultural faz parte de um deslumbramento difundido pela necessidade de reconhecimento do status social de algumas profissões.

A necessidade da obtenção de um status social diferente das gerações anteriores parece marcar a vida cotidiana destas filhas de rendeiras que não querem manter a tradição, uma vez que o próprio sentido da tradição parece ter sido alterado com a configuração econômica, social e cultural da localidade. A tradição anteriormente marcada por uma condição de “ser mulher” e de ter atribuições diferenciadas dentro de um modelo patriarcal aparece hoje como uma opção de profissão: ser rendeira. A conotação de que a mulher rendeira veio de um meio pobre e sem muitos recursos econômicos também parece favorecer o desinteresse destas novas gerações.

Até o momento não foi percebido nos depoimentos das filhas, a preocupação em manter uma cultura material, que se faz presente na identidade cultural das descendentes de açorianos. As novas gerações, ou seja, mulheres e moças com idade inferior a 30 anos de idade, não demonstraram nas pesquisas até o momento efetuadas, interesse em perpetuar a arte e o ofício de rendeira.

Especialmente a geração que nasceu na década de 80, parece estar inserida em uma nova estrutura familiar, que não possui os mesmos padrões de educação familiar, religiosa e escolar. Existe nesse sentido uma grande preocupação em apreender o tempo e o

espaço diante destas diferenças pontuadas, conforme a colocação que se segue, parecem fundamentais para a compreensão que o significado das rendas tomou:

O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. (...) Cada geração tem de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós. (...) os bairros tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformação do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar (...) (BOSI, 2003, p.70)

Pensar nos recantos da Lagoa, geográfica e socialmente como o Canto, a Costa, a Barra e o Centro, tentando verificar as diferenças e igualdades de cada comunidade, por meio das histórias de vida das rendeiras, é uma das reflexões feita a partir da ótica do acompanhamento das transformações ali postas. Ao observar a tradição dentro destes diferentes espaços, permeia a tentativa de apreender o movimento destas gerações de mulheres e de como esta tradição feminina foi passada até o momento. Qual o intuito no passado e no presente em mantê-la viva?

Acompanhar as transformações destes espaços entre urbano, rural e público ou privado, também foi uma tentativa de verificar o entrelaçamento das relações de gênero ali postas, afinal, desvendar e redefinir as relações de gênero implica na análise do espaço onde se articula e insere a ação, o movimento.

Ao que parece, e dadas às transformações da significação da atividade para as novas gerações, tanto o ensinar quanto o aprender a fazer rendas, enquanto atividades restritas ao âmbito doméstico estão paulatinamente desaparecendo na Ilha de Santa Catarina, especialmente pela transformação do produtor, em profissão, apesar dos esforços em dar visibilidade às rendeiras, especialmente pelos monumentos espalhados na cidade.



Imagem 2: Monumento ao Bilro – Centro de Florianópolis, SC
Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo

Na tentativa de preservação do folclore ilhéu algumas iniciativas de instituições governamentais ou culturais, como é o caso da Fundação Franklin Cascaes, fomentou ações de continuidade ao propor no Casarão da Lagoa o ensino da renda. Conseqüentemente, o ensinar e o aprender a fazer renda como vinha se dando, informalmente, de geração em geração, vem sendo paulatinamente substituído pelo ensinar e aprender sistematizado.⁹

Ao mesmo tempo em que a tradição se manteve viva até a atualidade, ainda poderá se manter de alguma forma no decurso da história. Resta saber como as novas gerações em meio aos conflitos pontuados nos diversos discursos agirá mediante à tradição anteriormente enraizada como parte integrante da identidade cultural feminina das mulheres que descendem dos açorianos na localidade.

Considerações Finais

⁹ Dona Vani Vieira, Diretora do Casarão da Lagoa, foi entrevistada no dia 04 de novembro de 2001 e abordou em seus depoimentos várias questões sobre as rendas de bilros e a preocupação com o seu desaparecimento enquanto artesanato típico dos açorianos e seus descendentes.

O movimento de ruptura na tradição pode ser percebido por meio da análise das trajetórias de vida das rendeiras e de suas filhas, que, de algum modo, vivenciaram em temporalidades distintas a descontinuidade no aprendizado como uma obrigação.

A desobrigatoriedade parece ter significado em momentos diferentes uma ruptura que não significa ainda o fim da confecção das rendas, mas o fim da tradição geracional da passagem de mãe para filha do saber-fazer. O sentido foi percebido pela própria questão de mudanças advindas dos padrões comportamentais em que se inscreve uma nova história na vida cotidiana das mulheres na localidade, que também segue uma trajetória de necessidades, expectativas, emoções e sentimentos em relação à tradição e à busca por novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. À medida que cada uma das depoentes apresentou suas perspectivas de vida de acordo com sua inserção no tempo e no espaço, foram sendo analisadas em seus encontros e desencontros na busca por alternativas.

Como a confecção de renda de bilros tornou-se, ao longo dos anos, não mais uma tradição, mas uma profissão acarretou movimentos, mesmo tendo o turismo se apropriado das rendas, considerando-as um dos elementos mais significativos da cultura material dos açorianos. Algumas possibilidades surgiram com essa apropriação, que revelou o retorno de exaltação da cultura açoriana e a possibilidade para que novas artesãs comecem a fazer a renda. Como a história das rendeiras passou por momentos distintos de desvalorização e valorização, houve o mesmo movimento de desinteresse e interesse na continuidade do processo. Essa ruptura não significou o fim, mas, de algum modo, se percebeu um tempo de descontinuidade. Algumas instituições elaboraram propostas com o intuito de preservar a técnica e a arte do saber-fazer, como é o caso da Oficina de Rendas, oferecida pela Fundação Franklin Cascaes no Casarão da Lagoa, que parece garantir a continuidade da tradição por outras mãos.

Os desdobramentos que se apresentaram na reflexão sobre a trajetória dessa tradição não descreveram o fim das discussões, mas o caminho para que outras possam ser escritas. Esse recorte foi o início de novas polêmicas para se verificar a tradição enquanto um começo, meio ou fim de relações identitárias que possuem o intuito de manterem laços de símbolos, significados e pertencimentos.

Olhar a tradição sem posicionar-se não foi uma tarefa simples, mas caminhou para a abertura de novas visibilidades em seus entrecruzamentos entre o passado, o presente e o

futuro, sem esquecer o movimento sinuoso de vai e vem, que, além de circular, apresenta-se repleto de conflitos e também de harmonias.

Muitos são ainda os lugares onde existem rendeiras, tanto em Santa Catarina como em outras regiões. Essa reflexão se ateve em especial aos recantos da Lagoa e, após cerca de cinco anos de investigação, não se conseguiu concluir o fim do processo como algo terminado. Percebeu-se que houve um momento nas trajetórias das filhas das rendeiras entrevistadas em que se rompeu o ensinar a fazer rendas e, com isso, terminou a transmissão geracional, que era passada de mãe para filha aos seis ou sete anos de idade. Pôde-se notar que algumas das rendeiras ensinaram suas filhas a confeccionar as rendas, embora estas não queiram continuar o processo, o que denota uma mudança no sentido, pois as que aprenderam a fazer e não deram continuidade passam a ter outra conotação daquelas que sequer aprenderam.

Aprendendo ou não, houve o desinteresse em continuar fazendo, principalmente porque elas não querem ter a função de rendeira como uma profissão. Ainda pode haver outras mudanças com o passar dos anos, haja vista as iniciativas que estão sendo tomadas, como as propostas da Fundação Franklin Cascaes, da Casa dos Açores e de outras que almejam a preservação. Com incentivos por parte do poder público ou privado, poderá ainda haver a continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

GERBER, Diana. O saneamento em Florianópolis: projeto de modernização e estratégias de poder. **Revista Esboços**. Vol.6. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC: UFSC, 1998.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LACERDA, Eugenio Pascele. **O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade.** Tese, Doutorado em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2003.

LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. **Refazendo Trajetórias: Memórias de Migrantes Mineiros em São Paulo.**(Jardim Barbacena, 1960 – 1995). Doutorado em História. PUCSP, 1997.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Contributo Açoriano para a construção do Mosaico Cultural Catarinense: Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2003.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Ribeirão da Ilha – vida e retratos: um distrito em destaque.** Florianópolis: FFC (Fundação Franklin Cascaes), 1990.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RAMOS, Arthur. RAMOS, Luiza. **A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil.** Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948.

SARLO, Beatriz. Um olhar político em defesa do partidarismo na arte. In: **Paisagens Imaginárias.** São Paulo: EDUSP, 1997.

SILVA, Zélia Maria Pereira. **O Fio Mágico das Rendeiras: A ação política das mulheres na redefinição das relações de gênero.** Tese de doutorado em Serviço Social. PUCSP, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WARNIER, Jean Pierre. **A Mundialização da Cultura.** Bauru, SP: EDUSC, 2000.

Depoimentos (2000-2005)

Dona Vani Vieira - Diretora do Casarão da Lagoa.

Dona Zuma Maria Matias - Rendeira

Dona Elias Joaquina Duarte - Rendeira

Dona Terezinha Filomena Figanico - Rendeira

Dona Normélia Barcelos Felisberto - Rendeira

Dona Silvia Maria Vieira - Rendeira

Dona Delorme Maria Correia - Rendeira

Artigo recebido em novembro de 2013. Aprovado em dezembro de 2013.